

HISTÓRIA DA IGREJA ORTODOXA

INTRODUÇÃO

Há dois mil anos, Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio à terra e fundou a Igreja por meio de seus Apóstolos e Discípulos para a salvação do gênero humano.

A Igreja não nasceu simplesmente como uma organização humana, mas como o Corpo vivo de Cristo, constituído pela ação do Espírito Santo e destinado a continuar no mundo a obra de salvação realizada por nosso Senhor Jesus Cristo.

Os ensinamentos dos Apóstolos e da Igreja se espalharam amplamente nos anos seguintes. Muitas Igrejas foram fundadas, todas unidas na Fé, no culto e nos Santos Sacramentos.

A missão confiada por Cristo aos Apóstolos foi transmitida de geração em geração. Os Apóstolos anunciaram o Evangelho, batizaram os que recebiam a Fé, celebraram a Eucaristia, ordenaram ministros e estabeleceram comunidades cristãs nas diferentes cidades e regiões do mundo conhecido.

Assim nasceu e se desenvolveu a Igreja que hoje chamamos de **Igreja Ortodoxa**.

A IGREJA DOS APÓSTOLOS

A Igreja Cristã teve sua manifestação pública no dia de **Pentecostes**, quando o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos reunidos em Jerusalém.

A partir daquele momento, os Apóstolos começaram a anunciar publicamente a Ressurreição de Jesus Cristo e o Evangelho do Reino de Deus.

Jerusalém foi a primeira grande comunidade cristã. Dali, a pregação apostólica alcançou outras regiões, chegando à Judeia, Samaria, Síria, Ásia Menor, Grécia, Egito, Roma e posteriormente a muitas outras terras.

Entre os Apóstolos, São Paulo destacou-se especialmente por suas viagens missionárias, levando o Evangelho a diversas cidades do mundo mediterrâneo.

A tradição cristã reconhece também a missão dos demais Apóstolos na fundação e organização das primeiras Igrejas.

Ao grupo de Igrejas fundadas pelos próprios Apóstolos pertencem os antigos Patriarcados de **Constantinopla, Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Roma**.

A Igreja de Constantinopla foi fundada por Santo André; a Igreja de Alexandria, por São Marcos; a Igreja de Antioquia, por São Pedro; e as Igrejas de Jerusalém e Roma estão particularmente ligadas à missão de São Pedro e São Paulo.

As Igrejas posteriores foram estabelecidas mediante a atividade missionária das primeiras Igrejas, formando progressivamente novas comunidades cristãs em diferentes regiões.

A IGREJA DOS PRIMEIROS SÉCULOS

Durante os primeiros séculos, os cristãos viveram em comunidades organizadas em torno dos Bispos, Presbíteros e Diáconos.

A vida cristã estava fundamentada na oração, na celebração da Eucaristia, na leitura das Escrituras, na instrução dos catecúmenos, na caridade e na comunhão dos fiéis.

A Igreja primitiva não era simplesmente uma associação religiosa. Era compreendida como o **Corpo de Cristo**, no qual os fiéis participavam da vida sacramental e espiritual da Igreja.

Durante os primeiros séculos, muitos cristãos sofreram perseguições por causa da Fé.

Os Mártires foram aqueles que permaneceram fiéis a Cristo mesmo diante da ameaça de morte.

Por isso, desde os primeiros tempos, a Igreja passou a honrar a memória daqueles que haviam testemunhado Cristo com seu próprio sangue.

Os túmulos dos Mártires eram venerados, e em muitas ocasiões a Divina Liturgia era celebrada junto a seus sepulcros.

Essa tradição foi particularmente importante durante os primeiros séculos do Cristianismo, quando muitos cristãos se reuniam nas **catacumbas**.

Dessa antiga prática nasceu também o costume de colocar relíquias de Mártires no Santo Altar por ocasião da consagração de uma igreja.

Assim, o Altar recorda que a Igreja está fundada sobre o testemunho daqueles que deram a própria vida por Cristo.

CONSTANTINO E A LIBERDADE DA IGREJA

No início do século IV, a situação da Igreja mudou profundamente.

No ano de **313 d.C.**, o Imperador Constantino, o Grande, concedeu reconhecimento e liberdade ao Cristianismo no Império Romano.

A Igreja saiu progressivamente do período de perseguições e passou a desenvolver publicamente sua vida litúrgica, pastoral e institucional.

Templos cristãos começaram a ser construídos em diferentes regiões do Império.

A partir dessa nova situação, os Bispos puderam reunir-se com maior liberdade para tratar das questões doutrinárias e pastorais que surgiam na Igreja.

Foi nesse contexto que surgiram os grandes **Concílios Ecumênicos**.

OS CONCÍLIOS ECUMÊNICOS

Para defender a Fé contra cismas e heresias, a Igreja, Corpo de Cristo, em diferentes momentos de sua história considerou necessário reunir seus líderes para definir claramente as crenças e os dogmas cristãos.

Entre os primeiros Concílios Ecumênicos encontra-se o **Primeiro Concílio de Niceia**, realizado em 325.

O Concílio defendeu a verdadeira divindade de Jesus Cristo e rejeitou o ensinamento de Ário, que negava a plena divindade do Filho.

Posteriormente, o **Primeiro Concílio de Constantinopla**, realizado em 381, completou e confirmou a formulação do Credo.

Entre os grandes Concílios da Igreja encontram-se:

Niceia I — 325: defesa da divindade de Cristo.

Constantinopla I — 381: confirmação da doutrina sobre o Espírito Santo e do Credo.

Éfeso — 431: defesa da verdadeira identidade de Cristo e da veneração da Santíssima Virgem Maria como **Theotokos**, Mãe de Deus.

Calcedônia — 451: definição da doutrina cristológica.

Constantinopla II — 553: questões relacionadas à doutrina cristológica.

Constantinopla III — 680–681: doutrina sobre as duas vontades de Cristo.

Niceia II — 787: defesa da veneração dos Santos Ícones.

Foi durante os primeiros Concílios Ecumênicos que foi formulado o **Credo Niceno-Constantinopolitano**.

É esse Credo que a tradição ortodoxa proclama durante a celebração da Divina Liturgia.

O CREDO NICENO-CONSTANTINOPOLITANO

A profissão de Fé da Igreja começa com:

“Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra...”

A Igreja confessa a existência de um único Deus em três Pessoas: **Pai, Filho e Espírito Santo**.

Confessa também:

“E em um só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, unigênito, nascido do Pai antes de todos os séculos...”

Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Ele é da mesma substância do Pai, gerado e não criado.

A Igreja também proclama:

“E no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai...”

O Espírito Santo é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

Assim, a Igreja Ortodoxa professa a Fé na **Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo**.

OS ENSINAMENTOS DA IGREJA ORTODOXA

Os ensinamentos da **Una, Santa, Católica, Apostólica e Ortodoxa Igreja** derivam de duas fontes inseparáveis: as **Sagradas Escrituras** e a **Santa Tradição**.

As Sagradas Escrituras constituem a Palavra de Deus recebida e preservada pela Igreja.

A Santa Tradição compreende a vida da Igreja, a transmissão da Fé apostólica, os ensinamentos dos Padres, os Concílios, a vida litúrgica, os Santos, os Cânones e todas as expressões legítimas da Fé recebida dos Apóstolos.

Como está escrito no Santo Evangelho segundo São João:

“...e há ainda muitas outras coisas que Jesus fez, as quais, se fossem escritas uma por uma, penso que nem o próprio mundo poderia conter os livros que seriam escritos.”

Esses ensinamentos não escritos foram transmitidos oralmente pelos Apóstolos e chegaram até nós na **Sagrada ou Santa Tradição**.

A Fé e a doutrina da Santa Igreja Ortodoxa podem ser encontradas nas Sagradas Escrituras, na Revelação Divina, nos Decretos dos Concílios Ecumênicos e Locais, nos Serviços Litúrgicos, nos escritos dos Padres da Igreja, nas vidas e ensinamentos dos Santos, nos Cânones, na Iconografia e na Arquitetura da Igreja.

A SANTÍSSIMA TRINDADE

Creemos que o Senhor Jesus Cristo é verdadeiramente Deus, o Salvador e Filho unigênito, da mesma substância do Pai antes de todos os séculos.

Ele é também verdadeiramente homem, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.

Creemos no Espírito Santo, que procede do Pai, conforme foi confirmado pelos primeiros Concílios Ecumênicos.

Os cristãos ortodoxos adoram a Deus em Trindade, honram e veneram os Santos e pedem sua intercessão diante de Deus.

Entre os Santos, a Mãe de Deus, a Senhora Theotokos e Sempre Virgem Maria, ocupa lugar especial na Igreja.

OS SANTOS ÍCONES

De acordo com os ensinamentos confirmados pelo Sétimo Concílio Ecumênico, veneramos os Santos Ícones.

A Igreja não adora a matéria ou a madeira de que o ícone é feito.

A adoração pertence somente a Deus.

O ícone é venerado porque representa Cristo, a Santíssima Virgem, os Anjos ou os Santos.

A defesa dos Santos Ícones está profundamente relacionada ao mistério da **Encarnação**.

Se o Filho de Deus verdadeiramente assumiu a natureza humana e tornou-se visível em Jesus Cristo, sua representação pode testemunhar a realidade de sua Encarnação.

Por isso, a Igreja distingue entre **adoração**, que pertence exclusivamente a Deus, e **veneração**, prestada aos Santos e aos seus ícones.

OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA

Os cristãos ortodoxos reconhecem tradicionalmente sete grandes Sacramentos ou Santos Mistérios:

1. **Batismo**
2. **Crisma**
3. **Santa Eucaristia**
4. **Confissão**
5. **Ordenação**
6. **Matrimônio**

7. Santa Unção

O Batismo

No Batismo, o homem participa sacramentalmente da morte e da Ressurreição de Cristo.

A antiga pessoa é sepultada nas águas e o novo homem surge para uma vida nova em Cristo.

O Crisma

Com o Crisma recebemos os dons do Espírito Santo.

Assim como o Espírito de Deus desceu sobre Cristo, também recebemos o dom do Espírito Santo no Santo Crisma.

A Santa Eucaristia

Na Santa Eucaristia participamos do verdadeiro Corpo e Sangue de Cristo sob as formas sacramentais do pão e do vinho.

A Eucaristia é o centro da vida litúrgica da Igreja.

A Confissão

No Sacramento da Confissão, Cristo concede, por meio do Sacerdote, o perdão dos pecados quando o cristão verdadeiramente se arrepende.

A Ordenação

Pela imposição das mãos de um Bispo canonicamente ordenado, a Graça Divina é concedida àquele que recebe a Ordem.

Esse Sacramento proporciona a continuidade do ministério apostólico.

O Matrimônio

A Graça Divina santifica a união matrimonial.

Cristo manifestou sua presença nas bodas de Caná da Galileia, onde realizou seu primeiro milagre público.

A Santa Unção

As enfermidades do corpo e da alma são apresentadas diante de Deus por meio do Sacramento da Santa Unção.

UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA

A Igreja é **UNA** porque nosso Senhor Jesus Cristo fundou uma única Igreja.

Ela é **SANTA** por meio da santificação que procede de sua Cabeça, Jesus Cristo, e da ação do Espírito Santo.

Ela é **CATÓLICA** porque é universal e não conhece limitações de lugar ou de tempo.

Ela é **APOSTÓLICA** porque foi fundada pelos Santos Apóstolos e permanece na sucessão apostólica.

Esta é a Igreja Ortodoxa — a Igreja **Una, Santa, Católica e Apostólica**.

OS GRANDES PATRIARCADOS

Ao longo dos primeiros séculos, cinco grandes centros eclesiásticos adquiriram especial importância na vida da Igreja:

Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Roma e Constantinopla.

Jerusalém é a cidade da Paixão, Morte e Ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo.

Antioquia tornou-se uma das primeiras grandes comunidades cristãs e possui lugar especial na história da Igreja.

Alexandria tornou-se um dos grandes centros teológicos do Cristianismo antigo.

Roma ficou particularmente associada à missão e ao martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo.

Constantinopla tornou-se a grande sede cristã do Oriente e centro do mundo bizantino.

Posteriormente, por meio da atividade missionária das antigas Igrejas, foram estabelecidas novas Igrejas em diferentes povos e regiões.

Entre elas encontram-se as Igrejas da Grécia, Rússia, Sérvia, Romênia, Bulgária, Geórgia, Chipre, Albânia, América e outras.

O MONAQUISMO ORTODOXO

O monaquismo tornou-se uma das grandes expressões da espiritualidade cristã.

Nos desertos do Egito, Palestina e Síria, homens e mulheres buscaram uma vida dedicada à oração, ao jejum, à ascese e à contemplação de Deus.

Entre os grandes nomes do monaquismo encontram-se **Santo Antão, o Grande, e São Pacômio.**

Posteriormente, o monaquismo desenvolveu-se em diversas regiões do mundo ortodoxo.

O **Monte Athos** tornou-se um dos grandes centros da vida monástica ortodoxa.

Entre seus mosteiros encontra-se o **Santo Mosteiro de Iviron**, ligado à história do Arcebispo Dionysios.

A DIVINA LITURGIA

A Divina Liturgia é o centro da vida sacramental da Igreja.

Sua estrutura fundamental desenvolveu-se ao longo dos séculos na vida das comunidades cristãs.

A Liturgia compreende a reunião dos fiéis, as orações, os cânticos, as leituras das Sagradas Escrituras, a proclamação do Evangelho, a homilia, a preparação dos Santos Dons, a Grande Entrada, a Anáfora, a consagração dos Santos Dons e a Santa Comunhão.

Na tradição bizantina, duas formas principais da Divina Liturgia são particularmente conhecidas: a **Liturgia de São João Crisóstomo** e a **Liturgia de São Basílio, o Grande.**

Na celebração da Eucaristia, a Igreja manifesta de maneira plena sua natureza como Corpo de Cristo.

O GRANDE CISMA

No ano de **1054**, ocorreu o acontecimento historicamente conhecido como **Grande Cisma.**

A separação entre Oriente e Ocidente foi resultado de um longo processo no qual estiveram envolvidos fatores teológicos, culturais, linguísticos, políticos e jurisdicionais.

Entre as questões teológicas posteriormente associadas à separação encontra-se a controvérsia do **Filioque**.

Também existiam diferenças litúrgicas e diferentes concepções sobre a autoridade eclesiástica.

Como resultado do longo processo histórico, as tradições cristãs do Oriente e do Ocidente desenvolveram-se separadamente.

A Igreja do Oriente passou a ser conhecida no Ocidente como **Igreja Ortodoxa Oriental**, enquanto a Igreja do Ocidente passou a ser conhecida como **Igreja Católica Romana**.

A Igreja Ortodoxa preservou sua própria tradição litúrgica, teológica e canônica, mantendo como fundamento a Fé recebida dos Apóstolos e dos Padres da Igreja.

A EXPANSÃO MISSIONÁRIA DA ORTODOXIA

A missão da Igreja continuou através dos séculos.

Novos povos receberam o Evangelho e foram incorporados à vida da Igreja.

Um exemplo particularmente importante é a missão de **São Cirilo e São Metódio**, que contribuíram para a evangelização dos povos eslavos.

Através dessas missões, o Cristianismo Ortodoxo passou a desenvolver novas expressões culturais, linguísticas e litúrgicas.

A Igreja tornou-se presente em diferentes povos sem abandonar sua unidade na Fé.

A missão cristã demonstrou que a Igreja pode assumir diferentes línguas e expressões culturais sem perder sua identidade apostólica.

O TEMPLO ORTODOXO

O interior de uma Igreja Ortodoxa é concebido para falar ao fiel, estabelecer o culto, proclamar o Evangelho por meio da arquitetura e dos ícones e elevar a mente, o coração e a alma a Deus.

O **Nártex**, ou vestíbulo da igreja, representa este mundo no qual o homem é chamado ao arrependimento.

A **Nave** representa o Reino dos Céus.

Passar do Nártex para a Nave simboliza a entrada do cristão no Reino dos Céus.

Os ícones na entrada da Nave lembram ao cristão que Cristo e os Santos são seus anfitriões invisíveis quando ele vem à Igreja.

O primeiro ato do cristão ortodoxo ao entrar na igreja é reverenciar os ícones fazendo o **Sinal da Cruz**.

Frequentemente, o fiel acende uma vela como sinal de oração e lembrança da luz de Cristo.

O edifício da igreja pode ser compreendido como uma representação simbólica do universo.

O teto representa o céu.

O piso representa este mundo.

O Santo Altar, elevado e separado do restante do templo, expressa sua função de conduzir a mente e o coração do homem para Deus.

A ICONÓSTASE

A **Iconóstase**, ou tela de ícones, separa a Nave do Santuário.

Ela possui significado teológico e litúrgico e apresenta os ícones de Cristo, da Mãe de Deus, dos Anjos, dos Apóstolos e dos Santos.

O Santuário representa o espaço sagrado onde se encontra o Santo Altar.

A disposição dos ícones manifesta a comunhão entre a **Igreja Militante**, que peregrina na terra, e a **Igreja Triunfante**, que participa da vida celestial.

AS SANTAS RELÍQUIAS E O ALTAR

Desde os primeiros tempos, os cristãos honravam a memória daqueles que morreram nas perseguições.

Os túmulos dos primeiros Mártires eram altamente venerados.

No aniversário de sua morte, a Liturgia era celebrada sobre seus túmulos e uma homilia era proferida.

Essa prática foi especialmente comum durante os primeiros séculos do Cristianismo, quando o culto era realizado nas catacumbas.

Dessa antiga prática cristã surgiu o costume de colocar as **reliquias de um Mártir na Santa Mesa do Altar** de cada igreja por ocasião de sua consagração.

Isso representa que a igreja está fundada sobre o testemunho dos Mártires.

O TABERNÁCULO

O **Tabernáculo** é mantido no centro, sobre o Santo Altar.

No Antigo Testamento, as tábuas sobre as quais Deus havia escrito os Dez Mandamentos eram guardadas no Tabernáculo.

No Novo Testamento, é o próprio Senhor Jesus que aqui habita sacramentalmente.

Seu precioso Corpo e Sangue são guardados no Tabernáculo.

Uma igreja é, portanto, verdadeiramente a **Casa de Deus**.

A **Luz Eterna** permanece acesa diante do Tabernáculo para indicar a presença sacramental de Cristo.

O Livro dos Evangelhos permanece entronizado sobre o Santo Altar, onde Cristo é proclamado como a **Palavra da Vida**.

A MESA DA PREPARAÇÃO

A **Mesa da Preparação** é uma pequena mesa de altar localizada à esquerda do Altar principal, atrás da Iconóstase.

Nela são preparados os dons de pão e vinho oferecidos para a celebração da Divina Liturgia.

Os Santos Dons são posteriormente conduzidos em solene procissão ao Altar principal.

A Mesa da Preparação possui também um profundo significado simbólico, relacionado ao nascimento de Cristo e à manjedoura de Belém.

Assim como Jesus nasceu em Belém, na Eucaristia Ele vem habitar sacramentalmente na vida dos fiéis.

A ORTODOXIA NA AMÉRICA

A presença ortodoxa na América desenvolveu-se por meio da chegada de diferentes povos ortodoxos.

Gregos, russos, sérvios, romenos, árabes, albaneses e outros povos estabeleceram comunidades no continente.

Com o crescimento dessas comunidades, novas paróquias foram estabelecidas.

A missão ortodoxa na América desenvolveu-se por meio de diferentes jurisdições e estruturas eclesiais.

Nesse contexto histórico insere-se a missão apresentada pelo documento em relação ao Exarcado e ao ministério do Arcebispo Dionysios.

NOSSO PAI EM CRISTO: ARCEBISPO DIONYSIOS

Sua Beatitude nasceu em **15 de agosto de 1919**, na cidade de Heraklion, na ilha de Creta, Grécia.

Ele é conhecido pelo sobrenome **Makrogambrakis** e frequentou o seminário governamental Instituto Pythagoria, em Heraklion, Creta, de 1934 a 1937.

Em 1937, foi tonsurado monge no **Mosteiro Santo de Iviron**, no Monte Athos, o Jardim da Mãe de Deus.

Em 1940, o monge Dionysios foi ordenado ao Diaconato e, em março de 1943, foi ordenado Sacerdote pelo Metropolita Ierotheos de Miletopoulos, na Grécia, a pedido do Santo Mosteiro de Iviron.

Sua Eminência estudou **Patrologia e Teologia por mais de 14 anos**.

Durante uma peregrinação à Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, em abril de 1952, o Hieromonge Dionysios foi solicitado a permanecer na Terra Santa por Sua Beatitude Timotheos, Patriarca de Jerusalém.

Depois de receber a bênção do Santo Mosteiro de Iviron, foi designado pelo Patriarca como Superior do Mosteiro de São Pedro e do Santuário da Santa Mãe em Nazaré, Israel.

Em 1954, o Hieromonge Dionysios foi nomeado membro da Corte Eclesiástica pelo Metropolita Isidoros.

Mais tarde, naquele mesmo ano, foi designado Superior do Mosteiro de Caná, na Galileia, onde continuou a servir ao Senhor até 1960.

Em 1960, o Patriarca Benedictos o transferiu novamente como Superior do Mosteiro de São Charalambos, em Jerusalém, e o designou para servir como Sacerdote na Catedral de São Constantino e Santa Helena, em Jerusalém.

Em 1961, foi nomeado Superior da **Escola Teológica da Santa Cruz**, em Jerusalém.

Ao mesmo tempo, estudou grego, hebraico, russo e inglês na Universidade Hebraica.

Continuou servindo na Santa Cruz até julho de 1963, quando, com a permissão do Patriarca Beneditos, retornou ao Santo Mosteiro de Iviron, no Monte Athos, a fim de solicitar permissão de sua Irmandade para viajar aos Estados Unidos da América.

Depois de receber as bênçãos da Irmandade de Iviron, o Hieromonge Dionysios partiu para a América, chegando no segundo semestre de 1963.

Durante o restante de 1963 e parte de 1964, serviu como Sacerdote na Igreja Ortodoxa de Santa Marcela, em Astoria, Nova York.

No outono de 1964, depois de passar à jurisdição da Igreja Ortodoxa Grega na América, foi designado pelo Arcebispo Fotios, antigo Metropolitita de Pafos, na ilha de Chipre, como Arquimandrita da **Igreja Ortodoxa Grega de São Jorge**, em Lowell, Massachusetts.

Em 1966, o Arquimandrita Dionysios foi transferido para a **Igreja Ortodoxa da Ressurreição**, em Pawtucket, Rhode Island.

Enquanto servia na Igreja da Ressurreição, também frequentou aulas de inglês na **Brown University**.

Em 1971, o Arquimandrita Dionysios foi canonicamente eleito Bispo pelas paróquias da Igreja Ortodoxa Grega na América.

Em 7 de março de 1971, foi consagrado ao Episcopado da Igreja Ortodoxa pelos Bispos Andreas e Anthony.

A Igreja da Ressurreição foi então elevada à dignidade de **Catedral**.

Sua Graça continuou a servir ali até 1980.

Depois de servir ao Senhor em Pawtucket, Rhode Island, por quase quatorze anos na Catedral Ortodoxa da Ressurreição, o Bispo Dionysios elevou a Igreja Ortodoxa de São Jorge, em Memphis, Tennessee, à condição de Catedral e transferiu-se para lá.

Em 1982, o Bispo Dionysios foi solicitado a servir como **Exarca do Exarcado do Patriarcado de Alexandria na América**.

Em 1986, conforme apresentado no documento original, Sua Santidade o Patriarca Nicolau VI concedeu autocéfalia ao seu Exarcado na América, e o Bispo Dionysios tornou-se o **primeiro Primaz da Igreja Ortodoxa Grega Autocéfala na América e Canadá**.

Desde então, o Arcebispo Dionysios serviu à Igreja principalmente a partir de Mississauga, Ontário, Canadá.

Como fiel Pastor, o Arcebispo Dionysios conduziu o rebanho que lhe foi confiado por Cristo nosso Salvador pelo estreito caminho da salvação.

Sua Eminência defendeu vigorosamente a Fé Ortodoxa e permaneceu firme na tradição recebida dos Santos Padres.

Muitos anos para vós, Mestre!

EIS POLLA ETI DESPOTA!

A CONTINUIDADE DA MISSÃO APOSTÓLICA NA AMÉRICA DO SUL E NA AMÉRICA DO NORTE

Após a trajetória e o ministério pastoral do Arcebispo Dionysios, a missão da Igreja continuou a desenvolver-se por meio daqueles que receberam dele a responsabilidade de preservar e transmitir a Fé Ortodoxa.

Nesse contexto, ocupa lugar especial a missão episcopal de **Dom Ioannis de Santa Catarina**, cuja trajetória está diretamente ligada à continuidade da presença ortodoxa no continente americano.

No ano de **2005**, Dom Ioannis de Santa Catarina foi **recebido canonicamente pelo Arcebispo Dionysios**, que lhe confiou a missão de servir como **Exarca do Brasil**.

Sua recepção canônica representou um importante momento na continuidade da presença e da missão da Igreja Ortodoxa no Brasil.

A partir de então, Dom Ioannis de Santa Catarina passou a exercer seu ministério pastoral e episcopal no Brasil, trabalhando pela organização das comunidades, pela preservação da Fé Ortodoxa, pela vida litúrgica e sacramental e pela transmissão da tradição recebida da Igreja.

A SUCESSÃO APÓS O ADORMECIMENTO DO ARCEBISPO DIONYSIOS

Com o **adormecimento no Senhor do Arcebispo Dionysios**, tornou-se necessário assegurar a continuidade da administração e da missão da Igreja.

Reunido sob a presidência do **Decano do Santo Sínodo, Dom Emanuel Silva, Metropolita do Canadá**, o Sínodo procedeu à confirmação do episcopado de **Dom Ioannis de Santa Catarina**, reconhecendo sua continuidade no ministério episcopal e nomeando-o **Exarca da América do Sul**.

Essa decisão representou a continuidade da missão anteriormente confiada ao episcopado e a responsabilidade de preservar a unidade das comunidades e a continuidade da vida eclesial no continente sul-americano.

Dom Ioannis de Santa Catarina passou, assim, a exercer sua missão não apenas no âmbito brasileiro, mas como **Exarca da América do Sul**, assumindo a responsabilidade pastoral pelas comunidades que lhe foram confiadas.

A CONTINUIDADE DA MISSÃO NA AMÉRICA DO NORTE

Posteriormente, com o **adormecimento no Senhor dos Bispos que exerciam o ministério na América do Norte**, novas responsabilidades foram confiadas a Dom Ioannis de Santa Catarina.

Diante dessa nova situação, Dom Ioannis assumiu também a responsabilidade pelas **Igrejas da América do Norte**, dando continuidade à missão episcopal que havia sido iniciada e desenvolvida por seus predecessores.

Dessa maneira, sua missão episcopal passou a abranger as comunidades da **América do Sul e da América do Norte**, preservando a continuidade da sucessão episcopal e da vida sacramental da Igreja.

A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA NOS NOVOS TERRITÓRIOS

A missão episcopal de Dom Ioannis de Santa Catarina não se limita à preservação das comunidades já existentes. Ela possui também uma dimensão missionária e eclesiológica: **estabelecer Igrejas locais capazes de criar raízes próprias nos territórios onde o Evangelho Ortodoxo é recebido**.

Cada novo território no qual a Igreja Ortodoxa se estabelece deve ser conduzido ao amadurecimento de uma verdadeira **Igreja local**: formada pelo povo daquele território, aberta a

todos os fiéis ortodoxos, enraizada na cultura legítima de sua terra e servida progressivamente por clero formado em seu próprio meio.

Essa organização não constitui nacionalismo eclesiástico, mas expressa o **princípio territorial e sinodal da Igreja**.

A finalidade da missão não é criar dependência permanente de uma jurisdição estrangeira, mas formar uma Igreja capaz de **viver, servir, evangelizar e governar-se em comunhão com as demais Igrejas Ortodoxas**.

Assim, cada novo território evangelizado deve ser compreendido como uma oportunidade para o nascimento e o desenvolvimento de uma verdadeira Igreja local, formada pelo povo daquela terra e aberta a todos os cristãos ortodoxos que nela vivem.

À medida que uma comunidade amadurece, deve desenvolver sua própria vida eclesial, sua formação pastoral, seu clero, sua catequese, suas instituições e suas legítimas expressões culturais, permanecendo sempre fiel à Fé, aos Santos Cânones, à sucessão apostólica e à Santa Tradição.

Isso não significa criar uma Igreja baseada em raça ou nacionalidade. A Igreja local deve ser aberta a todos os povos que vivem naquele território e estão unidos na mesma Fé Ortodoxa.

Por isso, a formação de uma Igreja local não significa abandonar a tradição recebida dos Apóstolos. Ao contrário, significa permitir que a mesma Fé seja vivida e expressa na língua, na cultura, na música sacra, na arte, na arquitetura e nas legítimas tradições do povo daquela terra.

A diversidade cultural não destrói a unidade da Igreja. Quando corretamente integrada à Fé, ela manifesta a própria universalidade da Igreja Católica e Apostólica.

O PRINCÍPIO TERRITORIAL E SINODAL

A organização da Igreja deve respeitar o antigo princípio territorial da tradição canônica ortodoxa.

A Igreja é constituída por comunidades reunidas em torno de seus Bispos, e os Bispos exercem seu ministério em comunhão uns com os outros, dentro de uma ordem sinodal.

O **Cânon 34 dos Santos Apóstolos** estabelece a necessidade de os Bispos de uma região reconhecerem aquele que ocupa o primeiro lugar entre eles e agirem de forma sinodal.

O **Cânon 17 do IV Concílio Ecumênico de Calcedônia** relaciona a organização das comunidades eclesiásticas à organização territorial.

O **Cânon 38 do Concílio Quinisexto**, também conhecido como Concílio Trulano, reafirma a relação entre a organização territorial e a organização eclesiástica.

Esses princípios demonstram a importância histórica da **territorialidade, da jurisdição episcopal e da sinodalidade** na organização da Igreja.

Dessa maneira, o desenvolvimento de uma nova Igreja em determinado território deve buscar a constituição de uma estrutura episcopal própria, evitando a perpetuação indefinida de jurisdições estrangeiras sobre comunidades que já alcançaram maturidade suficiente para desenvolver sua própria vida eclesial.

Esse princípio não significa isolamento ou rompimento com as demais Igrejas Ortodoxas.

Ao contrário, uma Igreja local madura deve permanecer em **comunhão de Fé, de Sacramentos e de sucessão apostólica** com as demais Igrejas Ortodoxas.

A FORMAÇÃO DO CLERO LOCAL

Quando uma comunidade ortodoxa estabelecida em um novo território alcança maturidade suficiente, deve procurar formar seus próprios servidores.

O objetivo missionário não é perpetuar uma dependência administrativa, mas **gerar uma Igreja capaz de sustentar sua própria vida**.

Por isso, deve-se trabalhar progressivamente para a formação de:

- sacerdotes provenientes da própria comunidade;
- diáconos;
- monges e monjas;
- catequistas;
- professores de teologia;
- missionários;
- instituições de formação;
- seminários;
- escolas de catequese;
- professores e estudiosos da tradição ortodoxa;
- candidatos ao episcopado.

A formação de um clero próprio permite que a Igreja crie raízes profundas na sociedade em que está inserida e possa transmitir a Fé às gerações futuras na linguagem e na realidade cultural daquele povo.

O objetivo final é que a comunidade deixe de ser simplesmente uma missão dependente de uma Igreja estabelecida em outro país e alcance a maturidade necessária para constituir uma **Igreja local plenamente organizada**.

A IGREJA LOCAL E A CULTURA DE CADA POVO

A Igreja de Cristo é universal, mas sua missão acontece sempre em um determinado lugar e entre pessoas concretas.

Por isso, quando o Evangelho chega a uma nova terra, ele não deve permanecer como uma realidade estrangeira e distante.

A Igreja deve tornar-se verdadeiramente **Igreja daquele povo**, sem abandonar aquilo que recebeu dos Apóstolos.

A língua do povo pode tornar-se língua litúrgica.

A música tradicional pode ser integrada à música sacra.

A arte local pode encontrar expressão na iconografia e na arquitetura.

As legítimas tradições culturais podem ser acolhidas e santificadas pela vida cristã.

Dessa maneira, a Igreja pode ser simultaneamente **fiel à Tradição Apostólica e plenamente enraizada na terra onde vive.**

O PRINCÍPIO TERRITORIAL E A REJEIÇÃO DO ETNOFILETISMO

A criação de Igrejas locais não deve significar a criação de Igrejas exclusivas para determinada raça ou etnia.

A Igreja não deve ser organizada segundo divisões raciais que produzam comunidades fechadas e jurisdições paralelas.

O princípio territorial significa que uma Igreja local deve estar aberta a todos os fiéis ortodoxos daquele território, independentemente de sua origem étnica.

Portanto, o princípio que orienta essa missão não é:

“uma Igreja para uma determinada raça.”

Mas:

“uma Igreja local para todos os cristãos ortodoxos daquele território.”

Essa distinção é fundamental.

O objetivo é que cada território possa desenvolver uma Igreja enraizada em sua própria realidade, formada por seu próprio povo, aberta a todos os ortodoxos e em comunhão com toda a Igreja Ortodoxa.

A MISSÃO EPISCOPAL DE DOM IOANNIS DE SANTA CATARINA

Dentro dessa perspectiva, a missão episcopal de **Dom Ioannis de Santa Catarina** pode ser compreendida não simplesmente como a administração de comunidades existentes, mas como uma obra de **implantação, consolidação e amadurecimento das Igrejas Ortodoxas nos territórios que lhe foram confiados.**

Seu propósito missionário é formar comunidades que, no devido tempo, sejam capazes de gerar seus próprios sacerdotes, diáconos, religiosos, teólogos e Bispos; desenvolver sua própria vida litúrgica e pastoral; servir ao povo de sua terra; e, quando alcançarem a maturidade necessária, constituir-se em Igrejas locais plenamente organizadas.

Dessa forma, a missão episcopal não consiste em manter indefinidamente uma estrutura estrangeira em território novo, mas em **plantar a Igreja, criar raízes, formar seus filhos e preparar a própria comunidade para assumir sua responsabilidade eclesial.**

O missionário planta; a comunidade cresce; o clero local é formado; o episcopado é estabelecido; e a Igreja amadurece.

E, quando chegar o momento determinado pela Igreja e reconhecido sinodalmente, uma nova Igreja local poderá assumir plenamente sua responsabilidade, permanecendo em comunhão com toda a Ortodoxia.

A CONTINUIDADE DA TRADIÇÃO

A história da Igreja não termina com a vida de um Bispo ou de um Patriarca.

Cada geração recebe a responsabilidade de conservar aquilo que recebeu e transmiti-lo à geração seguinte.

Os Apóstolos receberam de Cristo a missão de anunciar o Evangelho.

Seus sucessores receberam a responsabilidade de guardar a Fé, administrar os Santos Sacramentos e conduzir o povo de Deus.

Os Mártires testemunharam essa Fé com suas próprias vidas.

Os Padres da Igreja defenderam-na contra as heresias.

Os Concílios formularam e confirmaram a doutrina da Igreja.

Os Monges preservaram a tradição espiritual.

Os missionários levaram o Evangelho a novos povos e terras.

Da mesma maneira, a missão episcopal confiada a **Dom Ioannis de Santa Catarina** é compreendida dentro dessa continuidade histórica:

receber, guardar e transmitir a Fé da Igreja.

Assim, a história apresentada neste volume não deve ser entendida simplesmente como uma narrativa de acontecimentos passados, mas como a história de uma **Tradição viva**, que continua através daqueles que recebem a responsabilidade de servir à Igreja.

“Cada novo território no qual a Igreja Ortodoxa se estabelece deve ser conduzido ao amadurecimento de uma verdadeira Igreja local: formada pelo povo daquele território, aberta a todos os fiéis ortodoxos, enraizada na cultura legítima de sua terra e servida progressivamente por clero formado em seu próprio meio. Essa organização não constitui nacionalismo eclesiástico, mas expressa o princípio territorial e sinodal da Igreja. A finalidade da missão não é criar dependência permanente de uma jurisdição estrangeira, mas formar uma Igreja capaz de viver, servir, evangelizar e governar-se em comunhão com as demais Igrejas Ortodoxas.”

Dessa forma, a continuidade da Igreja no continente americano não é compreendida como simples transferência de uma estrutura de um país para outro, mas como um processo de **plantação, crescimento, amadurecimento e organização das Igrejas locais**, sempre dentro da unidade da Fé Ortodoxa e da comunhão episcopal.

Cristo é a Cabeça da Igreja, os Apóstolos são seus fundamentos e a Santa Tradição é transmitida de geração em geração.

A missão permanece:

anunciar o Evangelho, celebrar os Santos Mistérios, formar discípulos, ordenar ministros e estabelecer Igrejas locais capazes de transmitir a Fé às gerações futuras.

EIS POLLA ETI DESPOTA!